English as a Global Language — Exercícios de leitura

12.º Ano | Inglês | 4 páginas | 12 exercícios

Estratégias de leitura (antes de ler)

Skimming: ler depressa para a *ideia geral*. Scanning: varrer o texto à procura de números, nomes e datas. Atitude do autor: pergunta sempre *«o autor está a tomar partido ou a apresentar os dois lados?»* — num texto sobre línguas, o cuidado extra é distinguir o que o autor *descreve* (factos históricos) do que *avalia* (opiniões sobre diversidade e poder).

Texto — lê com atenção

One Language, Many Voices

Sixty years ago, English was the language of one island and its former colonies. Today it is estimated that over 1.5 billion people use it, and not as their mother tongue: for the vast majority, English is a second or a third language, learned at school or picked up through music, films and the internet. Linguists call this new reality a lingua franca — a common language that belongs to no single nation.

The political story behind this expansion is well known. The British Empire carried English to every continent in the nineteenth century; after 1945, American economic and cultural power kept it in place. What is less obvious is how the language has changed once it left British hands. In India, Nigeria and Singapore, English is now a local language with local grammar, idioms and accents — what scholars call world Englishes. A call centre in Bangalore and a farming community in County Cork may both speak «English», but a visitor would hardly recognise the two as the same tongue.

This diversity worries some people. Traditionalists argue that a language with thousands of dialects risks losing mutual intelligibility, and that schools should teach a single standard English so that examinations remain fair. Global Englishes researchers reply that intelligibility has never depended on imitation of London or Boston: studies show that effective communication is a shared responsibility, and that a confident Indian English is no more «broken» than a rural Irish one.

For learners the debate has a practical side. You do not need to copy one model; you need to understand many models. The English you meet in a Nigerian novel, a Canadian podcast and a German science paper will differ in rhythm and vocabulary, yet all of them will be correct. Perhaps that is the real lesson of the last sixty years: English no longer answers to an owner — it answers to its speakers.

Exercícios

1. Tipo de texto: que género de texto é? ___ Dá duas provas formais (que se *vêem* no texto): ___ e ___.

2. Ideia geral: qual é o assunto principal? a) como aprender inglês depressa b) a expansão do inglês como língua comum e a diversidade que daí resultou c) a história do Império Britânico → ___

3. Compreensão — detalhe: a) How many people are estimated to use English today? ___ b) How many people speak it as their mother tongue, according to the text? ___ c) Which two powers carried English across the world? ___

4. Vocabulário no contexto: a) a «*lingua franca*» é uma língua ___ b) «picked up through music» = aprendida ___ c) «a single *standard* English» = uma variedade ___ d) «mutual *intelligibility*» = compreensão ___

5. Referência: a) «*it* is estimated that over 1.5 billion people use *it*» → o segundo *it* = ___ b) «*they* would hardly recognise…» → *they* = ___ c) «*that* is the real lesson» → *that* = ___

6. V/F + corrige os falsos: a) English is the mother tongue of most of its speakers → __ b) World Englishes are considered broken by the researchers → __ c) The British Empire and American power are both linked to the expansion → __ d) Traditionalists and researchers fully agree → __

7. Quem defende o quê? liga cada ideia a *traditionalists* ou a *global Englishes researchers*: a) a single standard English keeps exams fair → ___ b) intelligibility is a shared responsibility → ___ c) too many dialects may harm mutual understanding → ___ d) confident Indian English is not «broken» → ___

8. Conectores e referências: a) «What is *less obvious* is how the language has changed» → o parágrafo passa de ___ a ___ (evolução → mudança interna) b) «*yet* all of them will be correct» → *yet* introduz ___ c) «*For learners* the debate has a practical side» → o parágrafo passa para a perspetiva ___

© 2026 Estudantices

9. Inferência e atitude do autor: a) Porque é que o autor compara uma call centre de Bangalore com uma comunidade agrária irlandesa? O que quer provar com isso? ___ b) O autor toma partido do lado dos traditionalists ou dos researchers? Justifica com uma prova do texto. ___

10. Facto ou opinião? a) «over 1.5 billion people use it» → ___ b) «a confident Indian English is no more «broken» than a rural Irish one» → ___ (porquê? ___)

11. Títulos dos parágrafos: associa — 1. What this means for you · 2. One island to 1.5 billion · 3. Empire, power and local voices · 4. Many Englishes, one intelligibility? → Parágrafo 1: ___ · Parágrafo 2: ___ · Parágrafo 3: ___ · Parágrafo 4: ___

12. Produção: escreve 4-5 frases em inglês a responder: should schools teach one standard English or accept local varieties? Dá *uma* razão e usa *um* marcador de atitude (in your view, arguably, it is often argued that...).

> **Dica:** no ex. 10, o truque é perguntar *«isto pode ser medido ou verificado?»* — números e datas são factos; palavras como *broken, risks, real lesson* avaliam e revelam a posição do autor. É essa linha que decide a maior parte das questões de atitude.

© 2026 Estudantices

Soluções — English as a Global Language

1. Um **artigo de opinião** (ensaio jornalístico). Provas: **título** metafórico ("One Language, Many Voices"), **citação de especialistas** ("linguists call…", "scholars call…") e **dados quantitativos** (sixty years, over 1.5 billion, 1945).

2. b) — a expansão do inglês como língua comum e a diversidade que daí resultou.

3. a) **Over 1.5 billion people** b) **None / no majority** — para a maioria é língua segunda ou terceira (o texto não dá o número de falantes nativos, apenas afirma que não são a maioria) c) **The British Empire** and **American economic and cultural power**.

4. a) língua **comum que não pertence a nenhuma nação** b) aprendida **por exposição (sem escola formal)** c) uma variedade **padrão/referência única** d) compreensão **mútua** (os falantes entendem-se uns aos outros).

5. a) *it* = **English** (a língua) b) *they* = **a visitor / os falantes de uma das variedades** c) *that* = **a ideia do último parágrafo: o inglês pertence aos seus falantes**.

6. a) **F** — for most of them English is a second or third language, not the mother tongue b) **F** — the researchers state such varieties are no more «broken» than any other c) **V** d) **F** — they disagree; the text presents the debate in paragraph 3.

7. a) **traditionalists** b) **global Englishes researchers** c) **traditionalists** d) **global Englishes researchers**.

8. a) da **expansão política** para a **mudança interna da língua** (the political story → how the language has changed) b) um **contraste** (diferem em ritmo e vocabulário, *mas* todas são corretas) c) a perspetiva **do aluno / do aprendente** (passa da teoria à aplicação prática).

9. a) Para mostrar que as duas variedades são **ambas inglesas e ambas funcionais**: se um falante não reconhece a outra, isso prova que «inglês» é já uma família de variedades e não uma cópia de um modelo único (apoia a tese dos world Englishes). b) **Toma partido dos researchers.** Provas: apresenta a objeção dos traditionalists como «worry» mas responde logo com "reply that…", usa "no more «broken»" (linguagem que desmonta o juízo negativo) e termina com "English no longer answers to an owner — it answers to its speakers", uma frase-tese a favor da diversidade.

10. a) **Facto** (estimativa verificável de fontes demográficas) b) **Opinião** — "broken" é um juízo de valor: avalia a variedade em vez de a descrever; o texto não apresenta métrica nenhuma de «partido».

11. Parágrafo 1 → **2. One island to 1.5 billion** · Parágrafo 2 → **3. Empire, power and local voices** · Parágrafo 3 → **4. Many Englishes, one intelligibility?** · Parágrafo 4 → **1. What this means for you**.

12. (exemplo) *In my view, schools should teach a standard English as a common reference, because examinations and mobility require it. Arguably, however, local varieties deserve a place in the classroom too: students who meet Indian or Nigerian English at university will hardly understand it if they only know one model. A sensible course, therefore, teaches the standard without dismissing the voices of the 1.5 billion.*

© 2026 Estudantices